

Editorial

Lava Jato e a 2ª instância

Protagonistas da extinta Lava Jato e agora parlamentares, o senador Sérgio Moro (União-PR) e o deputado Deltan Dallagnol (Podemos-PL) vão enfrentar dificuldades para avançar com as propostas que encamparam para restabelecer, no país, a prisão após condenação em segunda instância. Na legislatura passada, a medida foi enterrada por vários fatores: uma dobradinha entre esquerda e centrão, pouco entusiasmo e articulação frágil por parte da direita, e praticamente nenhum apoio do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

Agora, mesmo com um novo Con-

gresso, em tese mais conservador, o apoio ainda à prisão em segunda instância é incipiente. Moro anunciou que começou a reunir assinaturas para desarquivar um projeto de lei, apresentado em 2018 no Senado, que muda o Código de Processo Penal, para permitir a execução provisória da pena. É necessário o apoio de 27 dos 81 senadores para que o projeto volte a andar, mas até agora só 14 subscreveram o pedido.

Por sua vez, Dallagnol pediu ao presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), a reinstalação de uma comissão especial para analisar uma proposta de emenda

à Constituição (PEC) que permite a execução de qualquer sentença em segundo grau, não só em processos penais, mas também cíveis, tributários e trabalhistas.

Toda PEC precisa passar pela análise e aprovação de uma comissão especial, colegiado formado por um grupo restrito de parlamentares, para só depois ser votada no plenário, etapa final de sua tramitação na Casa Legislativa. A que existia para a PEC da prisão em segunda instância foi desfeita com a mudança na legislatura. O primeiro sinal vermelho, ao menos para Moro, apareceu quando o próprio Lira adiantou que o tema não

deveria ser discutido num projeto de lei comum. Em 2019, foi esse um dos pretextos apresentados por deputados para arquivar a proposta, feita por Moro à época, dentro do chamado “pacote anticrime”. Eles argumentavam que a mudança deveria ser feita por meio de PEC. O PLS 166/2018, que Moro quer desarquivar, já foi aprovado na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), em decisão terminativa (sem necessidade de passar por outras comissões) em dezembro de 2019, na forma de um substitutivo (versão aprimorada), fruto de discussão entre os deputados e senadores.

Angelo Rabelo

O que significa “formoso”

A polêmica e o pânico que envolvem o Rio Formoso e suas águas barrentas devem ser motivos de atenção e tomada de decisões importantes, pensando no futuro que almejamos. O presente e o futuro estão em nossas mãos.

O significado do nome do rio (formoso, garboso, que deve ser exaltado) já deveria ser suficiente para que adotássemos uma política pública permanente de proteção. Não somente nos momentos de ameaça e risco para a beleza.

Existem fatores climáticos como “El Niño e dependência dos “rios voadores” que não temos controle, mas muitas ações locais podem fazer diferença. O rio está inserido em cadeias socioeconômica e ambiental gigantes.

Gera um número superior de 10 mil empregos, detém mais de R\$ 100 milhões em infraestrutura instalada, beneficia a agricultura como um dos nutrientes fundamentais para o desenvolvimento das plantas, contribui no controle de pragas e ainda corresponde a um ativo biológico. São inúmeras as espécies que compõem a rica biodiversidade do rio.

Estas espécies são dependentes do equilíbrio e da qualidade do recurso hídrico para poderem sobreviver.

Inúmeras iniciativas, nos últimos 30 anos, foram implementadas e de alguma forma minimizaram ameaças que deram sobrevida ao rio. Mas, por experiência, os rumos do trabalho desempenhado até aqui podem não ser os mais favoráveis. Pego exemplo do que foi feito na bacia do Rio Miranda nos últimos anos. Houve foco mais para a criminalização do que para a discussão na busca da solução. Ou, ainda, uma busca incansável por culpados e não aliados. Esse direcionamento não trouxe solução efetiva.

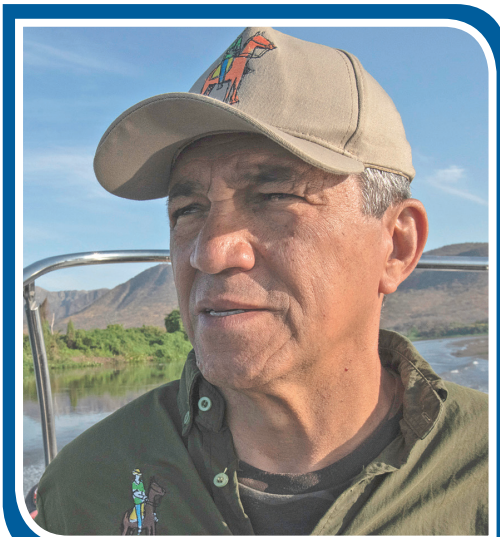
Há necessidade de um diálogo entre todos os atores e ações práticas permanentes. Se usamos esse recurso todos os dias, não temos que cuidar todos os dias? É a única alternativa para não sermos derrotados pela nossa incapacidade de diálogo, de sentarmos na mesma mesa.

A solução está pautada nas inúmeras técnicas de uso e manejo de solo, especialmente na utilização das estradas, e na interrupção de usar o rio como destino urbano de se

jogar sedimentos e drenagem sem critérios, rio abaixo. A necessidade de um “pacto de diálogo” permanente onde usuários diretos e indiretos contribuam para que a “formosura” daquele lugar sobreviva.

Os eventos extremos nos obrigam, hoje, a rever e redobrar as práticas e políticas públicas existentes. A cultura das ações esporádicas impõe alto risco. Proponho instalar uma sala orgânica de monitoramento com sistema de alertas de desmatamentos, de chuvas, de uso das estradas. O sistema de vigilância com Satélites Planet, oriundo da Noruega, permite estas ações diárias. Somos um Estado modelo para o país, com uma performance econômica de referência, mas somos o Estado que mais perdeu espelho d’água nos últimos anos, cerca de 40%.

Precisamos atrelar estratégias de conservação nos projetos de futuro do nosso Estado. Afinal, algumas perdas poderão se tornar irreversíveis, ofuscando o brilho das nossas conquistas. As licenças ambientais devem dialogar obrigatoriamente com uma estratégia de conservação no território. A ideia de avanços num território de alta vulnerabilidade de solo



Presidente do IHP (Instituto Homem Pantaneiro)

precisa de um olhar estratégico e responsável.

Precisamos de soluções e estratégias pautadas na natureza. Precisamos produzir natureza. Que a formosura daquele rio não se esgote na sua sua aparência. E que seu significado seja convertido em oportunidade sobre como vamos lidar com um desafio para o presente e o futuro.

Wilson Aquino

O perigo dentro da escola

Embora o conceito de que a escola é a segunda casa do aluno é verdadeiro e justo, pois é onde ele é educado e formado durante um longo período de sua vida, para poder um dia enfrentar o competitivo mercado de trabalho, carregando na memória e no coração a passagem de grandes e especiais professores e professoras, lamentavelmente alguns profissionais da educação tem abusado dessa relação em sala de aula e procurado executar um insistente plano de doutrinação de crianças, jovens e adolescentes às suas ideias e ideais de esquerda.

Nos últimos anos tem aumentado no Brasil o número de denúncias de pais e alunos a esse respeito. Existem inclusive vídeos gravados pelos próprios alunos, em salas de aula, registrando os mais absurdos procedimentos desses profissionais que não têm nenhuma base legal para fazer isso. Apesar de ser uma minoria absoluta que insiste, de vez em quando, ao longo do período escolar, doutrinar sim estudantes, o assunto merece a atenção não só das autoridades, mas especialmente dos pais.

A introdução do celular em sala de aula facilitou o registro desses episódios, mostrando o radicalismo daqueles que deveriam se limitar a ensinar a sua disciplina para a qual foi contratado.

Mesmo sendo poucos episódios registrados e partindo de uma expectativa de que não são muitos profissionais da educação deter-

minados a promover a doutrinação de seus alunos para que sejam, no futuro, seus aliados num viés político/social, os pais devem ter uma atenção redobrada com seus filhos matriculados em escolas públicas ou privadas. São suas obrigações acompanhar os conteúdos fornecidos aos seus filhos e observar com mais atenção os livros didáticos e outros impressos, recomendados por professores e até pela própria escola.

Rodoval Ramalho, doutor em ciências sociais e professor da UFSE, é um guerreiro na luta contra a doutrinação em sala de aula. Ele diz que felizmente muitos alunos não só resistem a essas influências negativas, como procuram contestá-las e registrá-las, para expor via internet, a situação vexatória de muitos profissionais em sala de aula.

O doutor em ciências avalia também que esse mal é gerado na universidade. Segundo ele, é lá que tudo começa. “Existe ali uma profunda doutrinação dos acadêmicos” para que eles, quando forem para as escolas, comecem a fazer exatamente aquela perspectiva ensinada nas universidades, voltada para a esquerda.

Ele lamenta que esse sistema esteja enraizado profundamente na sociedade. Reconhece que mudar isso não é fácil, mas é necessário. Uma das formas é exatamente esta, de trazer o assunto à tona para a reflexão da sociedade.

O renomado professor Olavo de Carvalho vai mais além. Diz que a fase da doutrinação

nas escolas acabou há muito tempo e que eles (profissionais da educação) estão usando agora é a “manipulação do comportamento do estudante”. Diz que é um plano que transcende partidos políticos de esquerda e que é algo muito maior e mais poderoso, envolvendo grandes grupos financeiros em todo o mundo. São esses grupos que estão por trás desse interesse de domínio do indivíduo, buscando o enfraquecimento da sociedade para os fins mais absurdos.

O problema se agrava quando vemos outras denúncias (mesmo em número muito pequeno, insisto), de desrespeito à família e à igreja, também dentro de sala de aula.

Diante de toda essa triste realidade, podemos ver como Deus é mesmo incrível, pois por intermédio das Escrituras Sagradas, Ele já alertava as famílias para a necessidade da boa educação e formação dos filhos. Não é à toa que diz: “Instruí a criança no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dele” (Prov. 22:6).

Muitos pais, obedientes aos ensinamentos e mandamentos do Senhor, fazem isso, criam seus filhos para que se tornem bons Cristãos, honrados, honestos, trabalhadores e virtuosos. Isso tem efeito imediato na formação da criança, dos jovens e dos adolescentes, pois quando se deparam com qualquer ensinamento que não são compatíveis com os que receberam em casa, desde pequeninos, con-



Jornalista e professor

seguem contestar e recusar com firmeza.

Não é à toa que alguns casos de conflitos em sala de aula vieram à tona, pois esses pequenos futuros cidadãos, com uma educação muito bem alicerçada no lar, souberam debater e contestar falsos conceitos e doutrinas que lhes foram aposentados como verdadeiras.

A educação dos filhos é uma dura tarefa que Deus confiou aos pais e somente a eles. E isso não é fácil. Ainda mais nesses últimos tempos excessivamente maus, onde influências malignas como essas, até mesmo em salas de aula, ocorrem sem nenhum respeito ao indivíduo e à família. “Orai e vigiai”, nos alertou o Senhor.

Os artigos assinados publicados neste espaço são de responsabilidade de seus autores e não representam, necessariamente, a opinião do jornal O Estado de Mato Grosso do Sul



“Somos o que fazemos. No dia em que fazemos, realmente existimos; nos outros, apenas duramos.”  
Padre Antônio Vieira

Rua 14 de Julho, 204 - Vila Santa Dorothéa  
Campo Grande - MS - CEP 79004-392 - PABX: (67) 3345-9000

Diretor

Jaime Vallér

Editor-Chefe

Bruno Arce

editor@oestadoms.com.br

Opinião

leitor@oestadoms.com.br

Política

Alberto Gonçalves

politica@oestadoms.com.br

Cidades

Michelly Perez

cidades@oestadoms.com.br

Esportes

Luciano Shakhima

esportes@oestadoms.com.br

Economia e Agronegócios

Izabela Cavalcanti

economia@oestadoms.com.br

Artes e Lazer

artee lazer@oestadoms.com.br

Reportagem

Fotografia

fotografia@oestadoms.com.br

Arte

Wendryk Silva

paginacao@oestadoms.com.br

OPINIÃO DO LEITOR A RESPEITO DA EDIÇÃO DE ONTEM

1 Coletivamente, a manchete de ontem:

“EM RITMO DE CARNAVAL”

Foi: 80% muito importante | 5% pouco importante  
10% importante | 5% sem importância

2 Os textos da primeira página continham algum exagero em relação às páginas internas?  
0% SIM 100% NÃO

3 Qual foi a notícia mais importante?

“EM RITMO DE CARNAVAL”

4 Dê a sua avaliação à edição de ontem:  
80% ótimo | 20% bom | 0% regular | 0% ruim